



QUALIDADE DE VIDA DE ADOLESCENTES APRENDIZES BRASILEIROS: UM ESTUDO QUANTITATIVO E QUALITATIVO

QUALITY OF LIFE AMONG BRAZILIAN ADOLESCENT APPRENTICES: A QUANTITATIVE AND QUALITATIVE STUDY

LA CALIDAD DE VIDA DE LOS APRENDICES ADOLESCENTES BRASILEÑOS: UN ESTUDIO CUANTITATIVO Y CUALITATIVO

Ana Cristina Viana Campos¹, Simone Dutra Lucas², Andréa Maria Duarte Vargas³, Viviane Elisângela Gomes⁴, Marcos Azeredo Furquim Werneck⁵, Efigênia Ferreira e Ferreira⁶

RESUMO

Objetivo: investigar a relação entre o trabalho e a qualidade de vida dos adolescentes aprendizes no Brasil. **Método:** estudo transversal realizado com todos os adolescentes do sexo masculino assistidos por uma ONG brasileira (N=348). Os dados foram coletados através do questionário WHOQoL-bref. A comparação entre o tempo de trabalho do adolescente e os escores do WHOQoL-bref foi realizada por meio do teste U de Mann-Whitney com nível de significância de 0,05. No segundo momento, foi realizado um grupo focal para obter o melhor entendimento possível da relação entre trabalho e qualidade de vida dessa população. **Resultados:** foram observadas diferenças significativas entre o tempo de trabalho com domínio do ambiente ($p = 0,048$). Para os adolescentes, estudar e trabalhar não são tarefas fáceis, mas eles estavam satisfeitos com o apoio social oferecido pela ONG. **Conclusão:** conclui-se que o trabalho não se mostrou um fator negativo na avaliação da qualidade de vida da população. **Descritores:** Qualidade de Vida; Trabalho; Adolescente; Trabalho Infanto-Juvenil; Organizações Não-Governamentais.

ABSTRACT

Objective: to investigate the relationship between the work and the quality of life of adolescent learners in Brazil. **Method:** transversal study on all male adolescents assisted by a Brazilian NGO (N = 348). Data were collected through the questionnaire WHOQoL-bref. The comparison between the working time of adolescents and scores WHOQoL-bref was performed using the U Mann-Whitney test with significance level of 0.05. In the second phase, we conducted a focus group to get the best possible understanding of the relationship between work and quality of life of this population. **Results:** significant differences were observed between the time working with the environment ($p = 0.048$). For teens, study and work are not easy tasks, but they were satisfied with the social support offered by NGOs. **Conclusion:** we concluded that the work was not a negative factor in assessing the quality of life of this population. **Descriptors:** Quality of Life; Work; Adolescent; Child Labor; Non-Governmental Organizations.

RESUMEN

Objetivo: investigar la relación entre el trabajo y la calidad de vida de los alumnos adolescentes en Brasil. **Método:** estudio transversal en todos los adolescentes de sexo masculino con la asistencia de una ONG brasileña (N = 348). Los datos fueron recogidos a través del cuestionario WHOQOL-BREF. La comparación entre el tiempo de trabajo de los adolescentes puntajes WHOQOL-BREF y se realizó con la prueba de Mann-Whitney con un nivel de significación de 0,05. En la segunda fase, se realizó un grupo focal para obtener el mejor entendimiento de la relación entre el trabajo y la calidad de vida de esta población. **Resultados:** se observaron diferencias significativas entre el tiempo de trabajo con el medio ambiente ($p = 0,048$). Para los adolescentes, el estudio y el trabajo no son tareas fáciles, pero que estaban satisfechos con el apoyo social ofrecido por las ONG. **Conclusión:** Se concluye que el trabajo no era un factor negativo en la evaluación de la calidad de vida de esta población. **Descriptores:** Calidad de Vida; El Trabajo; Los Adolescentes, Niños Y Jóvenes Trabajadores; Organizaciones No Gubernamentales.

¹Dentista, Aluna do Doutorado em Saúde Coletiva pela Faculdade de Odontologia, Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: campos.acv@gmail.com; ²Dentista, Doutora em Saúde Pública, Professora Associada do Departamento de Odontologia Social e Preventiva, Faculdade de Odontologia, Universidade de Minas Gerais. E-mail: sdlucas@uai.com.br; ³Dentista, Doutora em Epidemiologia, Professora Adjunta do Departamento de Odontologia Social e Preventiva, Faculdade de Odontologia, Universidade de Minas Gerais. E-mail: vargasnt@task.com.br; ⁴Dentista, Doutora em Odontologia, Professora Associada do Departamento de Odontologia Social e Preventiva, Faculdade de Odontologia, Universidade de Minas Gerais. E-mail: vivigomes_br@yahoo.com.br; ⁵Dentista, Doutor em Odontologia, Professor Associado do Departamento de Odontologia Social e Preventiva, Faculdade de Odontologia, Universidade de Minas Gerais. E-mail: mawerneck@terra.com.br; ⁶Dentista, Doutora em Epidemiologia, Professora Titular do Departamento de Odontologia Social e Preventiva, Faculdade de Odontologia, Universidade de Minas Gerais. E-mail: efigeniaf@gmail.com

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase marcada por intensas transformações biopsicossociais sendo que alguns aspectos como o estado de saúde, qualidade de vida e acesso à educação e ao trabalho devem ser constantemente avaliados nessa população.¹

O trabalho na adolescência é tema complexo, podendo estar associado à pobreza, à desigualdade e à exclusão social. Para alguns autores, o trabalho precoce pode privar o direito à educação, ao convívio familiar, à saúde e ao lazer e, portanto, prejudicar sua formação tanto física quanto intelectual. Consideram que, mesmo com a obrigatoriedade de supervisão e acompanhamento, pode ser alta a taxa de acidentes no trabalho envolvendo adolescentes.²

Para outros, essa experiência pode ser positiva na formação do caráter do futuro adulto, aquisição de novas habilidades, responsabilidade e conhecimento³, podendo ainda ser um elemento disciplinador e preventivo contra criminalidade.⁴ Destacam a importância do trabalho como uma fonte essencialmente pedagógica, voltado não para a produção de bens e serviços, mas para o aprendizado, formação e qualificação profissional do jovem.⁵

No Brasil, o trabalho do adolescente é respaldado na Lei 10.097 de 19 de dezembro de 2000, chamada “Lei do Aprendiz” que proíbe o trabalho noturno perigoso ou insalubre a menores de 18 anos e qualquer trabalho a menores de 16 anos, salvo nas condições de aprendiz entre 14 e 16 anos.⁶

O adolescente “trabalhador aprendiz” tem um contrato especial de trabalho para formação técnico-profissional, com duração de dois anos, em que o empregador se compromete a assegurar a capacitação e o exercício profissional de acordo com seu desenvolvimento físico, moral e psicológico.⁷

Dessa maneira, o trabalho na adolescência apresenta particularidades que o coloca como questão complexa, que pode abarcar fatores de risco ou de proteção para o desenvolvimento de jovens trabalhadores, podendo interferir na sua qualidade de vida.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), qualidade de vida pode ser entendida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, dentro de seu contexto social, econômico, cultural em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.⁸

Zelar pela qualidade de vida durante o período da infância e adolescência é compromisso legitimado em documentos internacionais e nacionais. Nesse sentido, enfatiza-se que a criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

O foco das pesquisas com adolescente trabalhador ainda é quase exclusivamente relacionado à presença e a intensidade do trabalho, com comprometimento ao desenvolvimento saudável. Faz-se necessário uma linha de investigação que possa identificar os mecanismos e em que circunstâncias o trabalho pode trazer benefícios ao adolescente trabalhador.⁹

O objetivo deste estudo é investigar a relação entre trabalho e qualidade de vida de adolescentes aprendizes.

MÉTODO

Realizou-se estudo transversal analítico cuja população de referência foi constituída por todos os adolescentes aprendizes assistidos por uma Organização Não-Governamental (ONG) sediada em um município de médio porte, Brasil.

O município onde foi realizado o presente estudo possui uma área de 541,1 km², uma população de 225.358 habitantes e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,809.

♦ Participantes e coleta de dados

Na ONG desse estudo, os únicos critérios usados para admissão do candidato a adolescente trabalhador são: a) ter idade entre 16 e 17 anos e 11 meses, b) estudar em escola pública, c) ser proveniente de ambiente familiar economicamente vulnerável, d) assumir e concluir o curso de qualificação fornecido pela ONG. Finalizada a qualificação para o trabalho o adolescente é encaminhado a um emprego (20 horas semanais) e manterá a ligação com a ONG para acompanhamento, atividades recreativas e outros.

Esta pesquisa foi estruturada de acordo com os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Ética de Pesquisa - CONEP que rege as pesquisas com seres humanos no Brasil. Também obtivemos a autorização da ONG e aprovação do Comitê da Universidade Federal de Minas Gerais (Parecer ETIC em 0042.0.203.000-10) Ética.

♦ Variáveis

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário, aplicado durante uma das

reuniões da ONG, com a presença de todos os adolescentes composto de duas partes. A primeira investigou características sócio-demográficas dos adolescentes com questões referentes a sexo, idade, cor da pele, escolaridade e saneamento básico (abastecimento de água, presença de sanitário no interior do domicílio, rede de esgoto, coleta de lixo). Na segunda parte, foi utilizada versão abreviada traduzida e validada para o português do World Health Organization Quality of Life Bref (WHOQoL-Bref), desenvolvido pelo Grupo de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde.¹⁰ Este questionário possui 26 questões e está dividido em quatro domínios: Físico (percepção do indivíduo sobre sua condição física); Psicológico (percepção do indivíduo sobre sua condição afetiva e cognitiva); Relações Sociais (percepção do indivíduo sobre os relacionamentos sociais e os papéis sociais adotados na vida); Meio Ambiente (percepção do indivíduo sobre aspectos diversos relacionados ao ambiente onde vive). Além dos quatro domínios, o instrumento apresenta duas questões de auto-percepção (Domínio global), sendo que uma se refere à qualidade de vida e a outra à satisfação com a saúde.

Esse questionário não prevê conceitualmente que se possa utilizar um escore total de qualidade de vida, sendo possível a análise de cada domínio, separadamente. A escala de valores de cada domínio pode variar de zero a 100 pontos, indicando que quanto mais alto o escore, melhor a qualidade de vida naquele domínio. As duas questões do Domínio Global são computadas em conjunto, numa escala que varia de quatro a 20 pontos, sendo que quanto maior o escore, melhor a visão positiva da própria vida.

Nesse estudo a variável dependente foi o tempo de vínculo do adolescente com a ONG Filantrópica (tempo máximo dois anos), com duas categorias: até um ano e mais de um ano na ONG.

A construção do banco de dados foi realizada pelo *Statistical Package for Social Sciences for Windows* versão 17.

♦ **Análise estatística**

Inicialmente, os escores de todos os domínios do WHOQoL foram calculados. A comparação entre o tempo de trabalho do adolescente e os escores dos domínios físico, psicológico, relações sociais, meio ambiente e global do WHOQoL-Bref foi realizada pelo teste de Teste U de Mann-Whitney. O nível de significância foi estabelecido em $p < 0,05$.

♦ **Grupo focal**

Para entender melhor a possível relação entre trabalho e qualidade de vida desses adolescentes, um grupo de 12 adolescentes da ONG, por meio de sorteio, foi convidado para participar de um grupo focal.

O grupo focal é uma entrevista realizada em grupo de forma dinâmica que promove uma ação simultânea entre os componentes do grupo investigado e também uma interação entre os participantes e o pesquisador. O grupo focal pode ser utilizado para gerar ou formular teorias a serem posteriormente testadas por estudos quantitativos, identificar conceitos, crenças, percepções, expectativas, motivações e necessidades de um grupo específico de interesse do pesquisador. Serve também para testar material educativo, caracterizar universo vocabular e avaliar políticas, programas ou ações desenvolvidas ou em andamento.^{11:51}

Foram realizados dois encontros, de modo a estimular os sujeitos para a reflexão acerca do tema. Cada encontro teve a duração aproximada de uma hora e meia, sendo gravados em MP3 para que, posteriormente pudessem ser transcritos com a maior fidedignidade.

Para manter o anonimato, os sujeitos foram codificados pela letra A seguida de um algarismo numérico para diferenciá-los entre si, como por exemplo, A1 (Adolescente 1), A2 (Adolescente 2) e assim sucessivamente.

A análise do material coletado foi feita com base na análise dos discursos dos participantes. Após a transcrição do registro de cada encontro, obteve-se a análise dos atos da fala, seguindo a sequência e coerência dos resultados estatísticos encontrados. Deu-se ênfase nas falas relacionadas à percepção do adolescente sobre o tema abordado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de adolescentes do estudo (N=363), 50,7% tinham 16 anos de idade, 95,9% eram do sexo masculino, 88,7% cursavam o 2º grau escolar e 13,8% declararam-se brancos. Em relação às condições de moradia e saneamento, a maioria dos adolescentes possuía água de abastecimento canalizada (98,6%), presença de sanitários no interior da residência (99,2%), rede geral de esgoto (97,8%) e lixo coletado por serviço de limpeza (95,9%).

A maioria dos adolescentes deste estudo é do sexo masculino, estudam em escolas públicas. Os requisitos aplicados para entrada dos adolescentes na ONG (idade, renda e escolaridade) explicam a homogeneidade da amostra.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) revelam que dos 17 milhões adolescentes brasileiros, aproximadamente 22% dos adolescentes com idade entre 15 a 18 anos são do sexo masculino, estudam e trabalham.¹² Esses estudantes são de escolas públicas, vêm de classes sociais mais baixas e tendem a trabalhar para aumentar a renda familiar (Fischer et al., 2005).

Os adolescentes do presente estudo apresentaram características semelhantes entre si:

Eu já até ajudei em casa [...] pagar uma conta de água [...] (A8)

Num é muito, mas [...] daria algum dinheiro para ajudar em casa [...] (A9)

Eu ajudo no aluguel, conta de água, mas gostaria de não contribuir com nada [...] (A10)

Um estudo identificou a pobreza e a alta demanda por empregados domésticos como fatores agravantes ao uso de adolescentes para o serviço doméstico, na maioria dos centros urbanos na Nigéria.¹³ Entretanto, os adolescentes desse estudo possuem um acompanhamento que lhes tornam trabalhadores diferenciados. Eles têm jornada de trabalho de 20 horas semanais, de modo a conciliar com horário de estudo formal além de participar de atividades extras como a prática de esportes e atividades recreativas. Essas atividades são bem vistas pelos adolescentes:

Eu gosto muito das atividades extras que acontecem na ONG [...] (A5)

Esporte? Quem não gosta de participar? Mas nem todo mundo vem [...] nem sabem o que estão perdendo. (A4)

A prática de atividades esportivas durante a adolescência contribui para melhoria significativa na qualidade de vida¹⁴ e prática de atividade física de lazer na vida adulta¹⁵. Os benefícios são ainda mais visíveis, quando essas atividades são praticadas em grupos, como redes de amigos da escola.¹⁶

Essa intimidade e conexão criada entre os adolescentes e a ONG podem muito bem estar fazendo a diferença no papel que o trabalho realmente desempenha na vida dos adolescentes. A entrada na ONG mudou a vida de muitos adolescentes. Algumas falas podem demonstrar essa relação:

Até para ir à escola era complicado. A ONG mudou meu dia-a-dia, minha rotina de atividades [...] (A1)

Eu vivia na rua, conversando por aí [...] num fazia nada e minha mãe me enchia o saco o dia todo. Depois ela me pôs na ONG, e nunca mais fiquei à toa. (A6)

Vale a pena trabalhar [...] sinto até uma independência de casa. (A7)

O trabalho mudou a minha vida e, [...], até da minha família [...] (A1)

O acompanhamento realizado pela ONG pode estar favorecendo a socialização antecipatória desses adolescentes. Esse é o processo de obtenção de conhecimento sobre o trabalho que deveria começar na primeira infância e continua até entrar no local de trabalho de tempo integral.¹⁷

Na ONG, os adolescentes têm aulas de literatura portuguesa, apresentação em público, sendo preparado para atender o público e para trabalhar nas empresas e instituições conveniadas. Por outro lado, existem regras que devem ser aprendidas e cumpridas. Os próprios adolescentes fizeram reflexão crítica em relação a essas regras:

[...] sempre é bom ter regras, tem que ter limite ainda mais para adolescentes. (A12)

Algumas regras aprendidas na ONG podem ser levadas para casa [...] (A3)

A gente quando entre na guarda fica diferente dos colegas [...] (A2)

Eu num pensava muito no futuro, mas na ONG a gente começa a ver tudo diferente (A10)

Eu não entendia quando minha mãe dizia que adolescente tem que ter regras. Hoje, eu concordo [...] aprendi isso com a ONG. (A1)

Os programas sociais que funcionam são capazes de transformar a condição de vida familiar e social de seus participantes por meio da disponibilização de um conjunto de habilidades e conhecimentos e obter uma oportunidade melhor de ser feliz.¹⁸

Metade dos adolescentes da amostra apresentou escores nos domínios Físico, Psicológico e Relações Sociais maior que 75,0 e no domínio Meio Ambiente, 53,1. O escore do domínio global teve média igual a 15,6 ($\pm 2,6$) e amplitude entre 8,0 e 20,0 (Tabela 1).

Tabela 1. Análise descritiva das características físicas, psicológicas, as relações sociais, ambientais e Domínios globais de adolescentes (N = 348). Sete Lagoas, Minas Gerais. Brasil. 2011.

	Físico	Psicológico	Relações Sociais	Meio Ambiente	Global
Mínimo	39.3	20.8	33.3	9.4	8.0
Média (SD)	74.6 (±11.9)	74.8 (±12.3)	71.6 (±15.0)	53.4 (±14.8)	15.6 (±2.6)
Percentual 25	67.9	70.8	58.3	43.8	14.0
Mediana	75.0	75.0	75.0	53.1	16.0
Percentual 75	82.1	83.3	83.3	62.5	18.0
Máximo	100.0	100.0	100.0	93.8	20.0

O fracionamento do WHOQOL-bref em domínios (Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio Ambiente) pode contribuir na identificação de quais aspectos da vida do indivíduo são mais preocupantes e requerem intervenções.⁸

Sabendo-se da importância de se associar a percepção sobre qualidade de vida e satisfação com a saúde, as duas questões gerais do WHOQoL-bref foram computadas em conjunto, obtendo-se assim um escore único denominado Domínio Global. Nesse estudo, observou-se que os adolescentes trabalhadores possuem uma auto avaliação positiva de sua qualidade de vida e satisfação com a saúde.

Na verdade, essas questões são importantes para avaliar a qualidade de vida de crianças e adolescentes¹⁹. Outro estudo mostrou que há relação entre qualidade de vida e saúde.²⁰

Considerando-se que, de modo geral, os adolescentes tem boa saúde, uma avaliação positiva da qualidade de vida parece estar relacionada à busca por algo mais:

Eu tenho saúde, me cuido. Hoje eu começo a pensar o que falta para ser feliz [...] eu estudo, trabalho, tenho minhas coisas [...] (A7)

A vida da gente não é fácil, mas não dá pra desanimar [...] Na vida a gente tem momentos de felicidade [...] com saúde, o resto, é correr atrás (A6)

Apenas no domínio meio ambiente as médias dos escores foram inferiores a 70,0. Uma possível explicação para esse achado poderia estar relacionada às condições gerais de vida desses adolescentes.

Eu gosto da minha casa, mas a vizinhança não é boa [...] falta condições para meu bairro ficar bom [...] (A5)

No meu bairro não passa nem lotação, nem correio. As ruas não tem nome (A10)

A cidade tá cheia de buraco e quando chove, parece que vai ser o fim do mundo (A4).

Moro tão longe que antes eu desanimava de sair de casa [...] agora, eu posso pagar lotação [...] (A8)

É preciso ter cautela, uma vez que não foi possível obter informações sobre a vida dos participantes, além das condições de moradia.

O domínio Meio Ambiente do WHOQoL-Bref refere-se a satisfação e a percepção sobre a

segurança física e proteção, local de moradia, recursos financeiros, disponibilidade e qualidade dos cuidados de saúde e sociais, oportunidade de adquirir novas informações e habilidades, participação e oportunidades de lazer. A avaliação deste domínio tem significado especial para os estudos no Brasil¹⁰, pois a maioria aponta a influência do saneamento básico, segurança pública, cuidados de saúde e sociais, poluição, trânsito, transporte e clima na qualidade de vida da população brasileira.²¹

No presente estudo as maiores médias de escores de qualidade de vida foram nos domínios psicológico e físico. Esses resultados são semelhantes ao estudo de Erhart et al.²² que encontraram altas médias de qualidade de vida em ambos aspectos.

Os adolescentes se preocupam com a aparência física e tem uma visão positiva de si mesmo:

Eu me amo e me acho lindo [...] se não quem vai me achar? Só minha mãe e olhe lá (A7)

Quando eu vou sair eu me arrumo, porque quero impressionar as gatinhas (A9)

A gente se preocupa com o estilo [...] O ruim do regimento da ONG é o corte de cabelo [...] eu tenho saudades do corte de cabelo moicano. (A11)

Parece que isso não é mais coisa de menina, a gente também tem que preocupar com o corpo, e outras coisas (A5).

Mesmo que haja diferenças de gênero significativas sobre as contribuições da cultura aparência de pares para internalização e distúrbios de imagem corporal²³, os meninos também se sentem pressionados pela cultura da beleza ocidental. A preocupação com o peso tem uma influência significativa sobre a qualidade de vida dos adolescentes.²⁴

O domínio psicológico está relacionado ao quanto o adolescente aproveita sua vida e vê sentido nela, aceitação da aparência satisfação consigo mesmo, concentração e à frequência de pensamentos negativos. O elevado escore neste domínio para os adolescentes do estudo pode indicar uma elevada autoestima e uma visão diferenciada e mais positiva em relação à sua vida. Ao contrário dos resultados de um estudo brasileiro que indicaram o domínio psicológico é um ponto vulnerável da qualidade de vida

de adolescentes.²⁵ Provavelmente essa diferença seja por causa do grupo ao qual eles fazem parte e pelo apoio que eles recebem da ONG.

As facetas que englobam este domínio físico são: dor e desconforto, energia e fadiga, sono e repouso, mobilidade, atividades da vida cotidiana, dependência de medicação ou de tratamentos e capacidade para o trabalho.

De modo geral, os adolescentes são geralmente saudáveis e não apresentam limitações físicas. Além disso, a prática regular de atividade física na adolescência pode trazer melhoria da qualidade de vida, principalmente em relação ao domínio físico.^{19,20}

O domínio denominado Relações Sociais investiga a satisfação do indivíduo nas suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas), na vida sexual e no apoio dos amigos. Durante o período da adolescência há um distanciamento entre pais e filhos que acontece de certa forma, naturalmente, pois os amigos se tornam os confidentes e companheiros:

Com dinheiro, agora está melhor porque eu posso sair quase sempre com amigos [...] (A5)

É bom divertir com a turma [...], mas sair com os pais é raro, [...] difícil e quase nunca a família se reúne para fazer alguma coisa [...] (A11)

[...] depende da diversão, se quer agradar a menina, depende da companhia [...] (A12)

Antes eu achava que trabalhar era suficiente [...] mas é importante ter alguém

para levantar a e autoestima, ninguém é feliz sozinho. (A2)

Os adolescentes se consideram bons amigos, sem dificuldade para fazer amizades e apresentaram uma boa autoimagem quanto a esse tipo de relacionamento.²⁶ Afinal parece ser na adolescência que as verdadeiras relações de amizade emergem e são determinantes para a construção da identidade do adolescente e a definição de valores, sentimento de pertença e autoestima.

Um destaque deve ser feito aos valores mínimos de escores apresentados na Tabela 1. Há adolescentes com escores nulos no Domínio Relações Sociais, 9,4 no Domínio Meio Ambiente e 8,0 no Global. Esses adolescentes parecem estar com percepções negativas em relação à própria qualidade de vida nesses aspectos, podendo indicar indivíduos que necessitam de um acompanhamento ainda mais especial por parte da ONG.

Quando os domínios do WHOQoL foram comparados em relação ao tempo de trabalho, obteve-se diferenças estaticamente significativas entre os grupos apenas no Domínio Meio Ambiente (p=0,048). O grupo com mais de um ano de trabalho apresentou as maiores médias de escores em todos os domínios em relação ao grupo com até um ano de trabalho (Tabela 2).

Tabela 2. Relação entre o tempo de trabalho dos adolescentes da ONG e os domínios do WHOQOL-Bref (N = 348). Sete Lagoas, Minas Gerais. Brasil. 2011.

Domínios	Tempo de trabalho*		p-valor**
	≤1 ano (N=193)	> 1 ano (N=170)	
Físico	73,7 [71,9-75,5]	75,2 [73,4-77,0]	0,156
Psicológico	74,7 [73-76,5]	75,2 [73,4-77,1]	0,623
Relações Sociais	71,5 [69,2-73,7]	71,8 [69,5-74,0]	0,846
Meio Ambiente	52,3 [50,1-54,4]	54,4 [52,3-56,5]	0,048
Global	15,3 [14,9-15,7]	15,8 [15,5-16,2]	0,085

*Valores apresentados em Média [IC 95%].

A partir dos resultados da comparação entre a qualidade de vida e o tempo de trabalho, pode-se perceber que o trabalho não de fato interfere na qualidade de vida, ou seja, os adolescentes com os escores mais altos Do WHOQol-bref estavam há mais tempo na ONG.

O tempo de trabalho para esta amostra está relacionada com a idade dos adolescentes, uma vez que eles só podem ficar na ONG até os 18 anos. Para mesmos

adolescentes deste estudo, o fato de que o adolescente trabalhava em dois empregos não pareceu interferir negativamente na vida desses adolescentes. No entanto, estudar e trabalhar não é fácil para os adolescentes:

Trabalhar e estudar não é fácil, mas não me atrapalhou em nada [...] (A4)

[...] quem acha que estuda e trabalha é moleza num é não. É rocha. Tem dia que eu tô cansado, mas tem que fazer exercício, copiar matérias (A2)

[...] a gente acaba costumando com isso, porque tem que correr atrás pra ser alguém depois [...] (A9)

Pois é né num é fácil. Antes a gente num fazia nada e agora tem horário pra cumprir, e tem as coisas da escola [...] (A8)

O trabalho de um adolescente não deve afetar seus estudos. No entanto, um estudo realizado em São Paulo encontrou uma associação de estudo e trabalho negativo entre os adolescentes que tomam noite classes.²⁵ Outro estudo relata que a intensidade do trabalho pode afetar a relação entre o desempenho escolar e a influência no contexto familiar.⁹

Essas condições podem ser alcançadas através de organizações e programas de acompanhamento psicossocial que desenvolvam o posicionamento crítico destes adolescentes e a formação da identidade própria como sujeito e cidadão.²⁸

Alguns estudos apontam aspectos desfavoráveis ao trabalho dos adolescentes²⁷, como por exemplo, aumento do risco de evasão escolar²⁸. A experiência da ONG responsável pela inserção desses adolescentes no mercado de trabalho parece ser positiva. É claro que as chances de sucesso dessa dupla jornada estão diretamente relacionadas às condições de vida e de trabalho dignas.²⁹

Dessa forma, existir essa intermediação é importante na entrada dos mesmos no mercado de trabalho, de modo a acompanhar os estudos, garantir atividades de lazer, esporte, enfim se responsabilizar pelos adolescentes.

Para os adolescentes desse estudo, o trabalho pode representar uma fonte complementar de renda para a família, e em alguns casos, o único sustento familiar.

A experiência do trabalho de adolescentes e os significados destas experiências não são uniformes.³ Embora um adolescente possa viver em um contexto físico, social, cultural negativo ele ainda pode relativamente ter uma boa qualidade de vida, dependendo de como o adolescente reage e cria estratégias para enfrentar aquele contexto.¹⁸

Nesse estudo, não foi possível estabelecer o benefício da relação entre adolescente-Entidade na qualidade de vida dos participantes. Por outro lado, algumas falas mostram uma percepção madura sobre o futuro:

Pro futuro eu penso em trabalhar para pagar a faculdade, [...] (A9)

Só dinheiro resolve? Eu acho que não. Eu trabalho para virar gente, crescer [...] penso no futuro [...] (A1)

Afinal, não dá pra ficar aqui (ONG) pra sempre [...] (A12)

O que eu penso hoje, trabalhando, amanhã, eu posso conquistar [...] (A10)

Acredita-se que as atividades promovidas pela Entidade podem trazer benefícios para vida desses adolescentes e contribuem para uma percepção mais positiva sobre a própria qualidade de vida.

♦ Limitações

Outras variáveis deverão ser investigadas para se estabelecer o real impacto do trabalho na saúde e na qualidade de vida de adolescentes aprendizes, como as sugeridas por Staff, Uggen³⁰: salário, status, aprendizagem, autonomia, estressores, bem como a compatibilidade de trabalho com a escola.

Além das limitações de um estudo transversal, torna-se importante destacar que a avaliação da qualidade de vida pressupõe realizar quantificações de um construto sensivelmente marcado pela subjetividade de experiências, crenças, expectativas e percepções dos indivíduos.¹⁰

Nesse sentido, os resultados observados no presente estudo precisam ser analisados com cautela, tendo em vista que a qualidade de vida foi mensurada de forma objetiva através de questionário estruturado em uma população homogênea com condições de vida e percepções bastante semelhantes, apesar de ter sido utilizado um instrumento (WHOQol) que tem apresentado resultados confiáveis.¹⁰

Com esse trabalho, é possível supor que o acompanhamento de perto do adolescente realizado pela ONG e a convivência diária desses adolescentes fortalece os laços de amizade e companheirismo, de tal maneira que os adolescentes passam a se enxergar como um grupo, uma rede social.

Nenhuma causalidade pode ser assumida pelo desenho transversal deste estudo, permanecendo claro se o trabalho conduz a uma boa qualidade de vida, ou vice-versa. Homogeneidade da amostra reduziu a generalização dos resultados, devido aos requisitos utilizados para admitir adolescentes na ONG (faixa etária, renda, educação e realização).

Diante da falta de estudos sobre qualidade de vida nessa população, sugere-se que outros estudos sejam desenvolvidos buscando analisar as diferenças na qualidade de vida entre adolescentes aprendizes e estudantes não trabalhadores, para que futuros programas de acompanhamento e intervenção sejam articulados de maneira eficaz.

Dentro dessa perspectiva, a qualidade de vida de trabalhadores adolescentes merece destaque nas discussões científicas visando o apontamento de fatores indesejáveis relacionados ao trabalho, bem como de fatores protetores à saúde e qualidade de vida dos adolescentes. Assim será possível discutir as vantagens e desvantagens do trabalho na adolescência e seus desafios, bem como estabelecer maior articulação das políticas públicas para essa faixa etária.

Recomenda-se a realização de mais pesquisas sobre esse tema, especialmente avaliando o ponto de vista dos próprios adolescentes sobre o trabalho, para elucidar os aspectos positivos e negativos na qualidade de vida dessa população. Além disso, devem-se promover espaços de reflexão que propiciem o acompanhamento do adolescente aprendiz bem como a elaboração de mais projetos profissionais semelhantes ao que acontece na ONG desse estudo.

CONCLUSÃO

Os adolescentes aprendizes possuem boa qualidade de vida em todos os domínios avaliados, sendo que apenas no domínio ambiente a média foi inferior a 70,0. O tempo de trabalho não foi um fator negativo na avaliação da qualidade de vida dessa população.

Os relatos mostraram que os adolescentes percebem diferentemente as questões relacionadas ao trabalho na ONG, baseando-se na experiência de vida de cada um. O grupo focal facilitou a abordagem da relação trabalho e qualidade de vida desconstruindo e reconstruindo conceitos e buscando novas respostas para as inquietações que o tema conjuga.

AGRADECIMENTOS

A todos os funcionários e participantes da ONG, em especial o Senhor Oldac Campos. Gostaríamos também de agradecer ao CNPq e Fapemig pelo apoio financeiro.

REFERÊNCIAS

1. Barker G. Adolescents, social support and help-seeking behavior: an international literature review and program consultation with recommendations for action. World Health Organization: WHO discussion papers on adolescence [Internet]. 2007 [cited 2010 Mar 15];[about 20 p.]. Available from: http://www.who.int/child_adolescent_health/documents/9789241595711/en/index.html.
2. Runyan CW, Santo JD, Schulman M, Lipscomb HJ, Harris TA. Work hazards and

workplace safety violations experienced by adolescent construction workers. Arch pediatr adolesc med [Internet]. 2006;2007. [cited 2010 Mar 15];160(7):721-7. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16818838>

3. Zimmer-Gembeck MJ, Mortimer, JT. Adolescent work, vocational development, and education. Rev educ res [Internet]. 2006 [cited 2010 Mar 15];76(4):537-66. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1832157/>

4. Apel R, Paternoster R, Bushway SD, Brame R. A job isn't just a job: the differential impact of formal versus informal work on adolescent problem behavior. CAD [Internet]. 2006 [cited 2010 Mar 15]; 2(2):333-69. Available from: <http://cad.sagepub.com/content/52/2/333>.

5. Fischer FM, Oliveira DC, Nagai R, Teixeira LR, Lomabardi Júnior M, Latorre MRDO et al. Job control, job demands, social support at work and health among adolescent workers. Rev Saúde Pública [Internet]. 2005 [cited 2010 Mar 15];39(2):245-53. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15895145>

6. Brasil. Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943. Ministério do Trabalho e Emprego. Brasil. Brasília (DF). 2000 [Internet]. [cited 2010 Mar 15]. Available from: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/L10097.htm>.

7. Brasil. Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005. Institui o Projeto Escola de Fábrica, autoriza a concessão de bolsas de permanência a estudantes beneficiários do Programa Universidade para Todos - PROUNI, institui o Programa de Educação Tutorial - PET, altera a Lei no 5.537, de 21 de novembro de 1968, e a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e dá outras providências. Ministério do Trabalho e Emprego. Brasil. Brasília (DF). 2005 [Internet]. [cited 2010 Mar 15]. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2004-2006/2005/Lei/L11180.htm#art18.

8. The WHOQoL Group. The World Health Organization Quality of Life assessment (WHOQoL): position paper from the World Health Organization. Soc sci med [Internet]. 1995 Nov [cited 2010 Mar 15];41(10):1403-9. Available from:

<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8560308>

9. Roisman GI. Beyond main effects models of adolescent work intensity, family closeness, and school disengagement: mediational and conditional hypotheses. *J Res Adolesc* [Internet]. 2002 [cited 2010 Mar 15];17(4):331-45. Available from: <http://jar.sagepub.com/content/17/4/331.abstract>

10. Fleck MPA, Louzada S, Xavier M, Chachamovich E, Vieira G, Santos L et al. Application of the Portuguese version of the abbreviated instrument of quality life WHOQoL-bref. *Rev Saúde Pública* [Internet]. 2000 [cited 2010 Mar 15];34(2):178-83. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-8910200000200012&script=sci_abstract.

11. Nogueira-Martins MCF, Bogus CM. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde Soc* [Internet]. 2004 [cited 2010 Mar 15];13(3):44-57. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/06.pdf>

12. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso e utilização de serviços de saúde - Pesquisa Nacional Amostra por Domicílios, Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2000 [Internet]. [cited 2010 Mar 15]. Available from: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad98/saude/analise.shtm>.

13. Okafor EE. The Use of Adolescents as Domestic Servants in Ibadan, Nigeria. *J Res Adolesc* [Internet]. 2009 [cited 2010 Mar 15];24:169-93. Available from: <http://jar.sagepub.com/content/24/2/169.short>

14. De Gáspari JC, Schwartz GM. Adolescência, Esporte e Qualidade de Vida. *Motriz rev educ fís* [Internet]. 2001 [cited 2010 Mar 15];7(2):107-13. Available from: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/gaspari.pdf>.

15. Alves JGB, Montenegro FMU, Oliveira FA, Alves RV. Prática de esportes durante a adolescência e atividade física de lazer na vida adulta. *Rev bras med esporte* [Internet]. 2005 Sept/Oct [cited 2012 Nov 26];11(5):291-4. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rbme/v11n5/en_27591.pdf.

16. Macdonald-Wallis K, Jago R, Page AS, Brockman R, Thompson JL. School-based

friendship networks and children's physical activity: A spatial analytical approach. *Soc sci med* [Internet]. 2011 [cited 2012 Nov 26];73(1):6-12. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21680072>

17. Levine KL, Hoffner CA. Adolescents' Conceptions of Work: What Is Learned From Different Sources During Anticipatory Socialization? *J Res Adolesc* [Internet]. 2006 [cited 2012 Nov 26];21(6):647-69. Available from: <http://jar.sagepub.com/content/21/6/647.abstract>

17. Diório ZM, Gomide PIC. Ascensão escolar e profissionalização de bons alunos de baixa renda: avaliação de um programa brasileiro. *Psicol reflex crit* [Internet]. 2004 [cited 2012 Nov 26];17(3):359-66. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a09v17n3.pdf>

19. Spuijbroek AT, Oostenbrink R, Landgraf JM, Rietveld E, de Goede-Bolder A, van Beeck EF et al. Health-related quality of life in preschool children in five health conditions. *Qual life res* [Internet]. 2011 June 2004 [cited 2012 Nov 26];20(5):779-86. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3102208/>

20. Lohr KN. Assessing health status and quality-of-life instruments: Attributes and review criteria. *Qual. life res* [Internet]. 2002 [cited 2012 Nov 26];11(3):195-205. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12074258>

21. Gordia AP, Quadros TMB, Campos W. Variáveis sociodemográficas como determinantes do domínio meio ambiente da qualidade de vida de adolescentes. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2009 [cited 2012 Nov 26];14(6):2261-68. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000600035&script=sci_arttext

22. Erhart M, Ellert U, Kurth BM, Ravens-Sieberer U. Measuring adolescents' HRQoL via self reports and parent proxy reports: an evaluation of the psychometric properties of both versions of the KINDL-R instrument. *Health qual life outcomes* [Internet]. 2009 [cited 2012 Nov 26];7:77. Available from: <http://www.hqlo.com/content/7/1/77>

23. Jones DC, Vigfusdottir TH, Lee Y. Body Image and the Appearance Culture Among Adolescent Girls and Boys: An Examination of Friend Conversations, Peer Criticism, Appearance Magazines, and the Internalization of Appearance Ideals. *J Res*

Adolesc [Internet]. 2004 [cited 2012 Nov 26];19(3):323-39. Available from: <http://jar.sagepub.com/content/19/3/323.abstract>

24. Lopes LJ, Santos GAC, Oliveira ERA de, Correa MM, Gomes MJ. Quality of life and its relation with corporal mass and satisfaction with the weight in schoolchildren. J Nurs UFPE on line. [Internet]. 2012 Aug [cited 2010 July 25];6(8):1774-80. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/2764/pdf_1350.

25. Gordia AP, Silva RCR, Quadros TMB, Campos W. Variáveis comportamentais e sociodemográficas estão associadas ao domínio psicológico da qualidade de vida de adolescentes. Rev paul pediatr [Internet]. 2010 [cited 2011 Mar 10];28(1):29-35. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v28n1/v28n1a06.pdf>.

26. De Goede IHA, Branje SJT, Delsing MJMH, Meeus WHJ. Linkages Over Time Between Adolescents' Relationships with Parents and Friends. J youth adolesc [Internet]. 2009 [cited 2011 Mar 10];38(10):1304-15. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2758153/>

27. Oliveira DC, Fischer FM, Amaral MA, Teixeira MCTV, de Sá CP. A positividade e a negatividade do trabalho nas representações sociais de adolescentes. Psicol reflex crit [Internet]. 2005 [cited 2011 Mar 10];18(1):125-33. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000100017&script=sci_arttext

28. Alberto MFP, Santos P, Leite FM, Lima JW, Wanderley JCV. O trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização. Psicol soc [Internet]. 2011 [cited 2011 Mar 10];23(1):293-302. Available from: http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1464

29. Guzman MLM. Mirando al Futuro: Desafíos y Oportunidades Para el Desarrollo de los Adolescentes en Chile. Psykhe [Internet]. 2007 [cited 2011 Mar 10];1:3-14. Available from: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/967/96716101.pdf>.

30. Staff J, Uggen C. The Fruits of Good Work: Early Work Experiences and Adolescent Deviance. J res crime delinq [Internet]. 2003 [cited 2011 Mar 10];40:263-90. Available from: http://www.socsci.umn.edu/~uggen/Staff_Uggen_JRCD_03.pdf.

Submissão: 10/10/2012

Aceito: 26/11/2013

Publicado: 01/03/2014

Correspondência

Ana Cristina Viana Campos

Av. Antônio Carlos, 6627

Bairro Pampulha

CEP: 31270-901 – Belo Horizonte (MG), Brasil